

Quem ganhou? A resposta é o jogo de empurra

Foto de Estefan Radovicz

Os empresários dizem que foram os bancos. Os bancos apontam os doleiros. Mas os analistas incluem empresas, bancos, doleiros e quem mais estava comprado em ouro e dólar na lista dos que ganham com os boatos que correram em ritmo frenético pelo mercado financeiro nas duas últimas semanas. Mas quem ganhou com isso?

— Não sei. As instituições financeiras é que não foram — diz o Presidente do Banco Pontual, José Baía Sobrinho.

— Ganhou quem estava comprado e vendeu, mas esse tipo de especulação é muito difícil de acertar — explicou Hiroshi Akabane, Diretor Vice-Presidente do Banco BMC.

Para o Vice-Presidente de Finanças do Banespa, Saulo Krichanã Rodrigues, quem lucrou foram as instituições que vivem de arbitragem. Mas todos são unânimes num ponto: o Governo é protagonista na nova fase de boatos. Segundo o economista Alberto Tamer Filho, da Lastro Consultores, o Governo criou um clima de tensão ao mostrar que não é capaz de governar sozinho com as regras em vigor, pedindo auxílio dos políticos.

— Não há um “plantador”. São informações que vêm de Brasília e são mal entendidas — afirma. — É aquela história de alguém que ouve no elevador do Ministério, passa para a frente e assim por diante.

Na sexta-feira, 30, o próprio Presidente do Banco Central, Francisco Gros, sentiu a força dos boatos: ele soube que o Presidente Collor convocara uma reunião com a equipe econômica para o meio-dia, em Brasília. Só



que, ao meio-dia, Gros estava no jatinho presidencial com Collor, rumo a São Paulo.

Um analista lembra que, antes da criação da Comissão de Valores Mobiliários, em meados dos anos 70, quando os balanços das empresas abertas eram registrados em cartório, os próprios **office-boys** que levavam a papelada repassavam a informação ali contida (lucro ou prejuízo).

Outro personagem importante é a secretária, conta o analista. De posse da agenda do chefe, ela sabe melhor do que ninguém o que se passa: a reunião a portas fechadas, o documento sigiloso que vai ser xerocado. O jornalista também entra nesta dança: ouve daqui, ouve dali, pergunta mais adiante e precisa cuidar para não se deixar usar por quem quer “plantar” um boato.

Figura central é o **insider**, que detém informação “quente”. Muitos megainvestidores se valem de **insiders** que, às vezes, chegam a frequentar reuniões fechadas com autoridades do Governo e, ao sair dali, passam a informação adiante.

Um outro dirigente do mercado diz que, quando convém, é rotineiro levar um boato adiante:

— Muitas vezes a gente sabe que um boato é maluco, infundado, mas quando nos perguntam, a gente confirma, para depois vender ou comprar papéis.

Daniel Dantas, Diretor do Banco Icatu, apontado durante anos como boateiro, nega a fama. E diz que já foi vítima da boataria: pouco depois de Collor ter ganho as eleições, seu nome teria sido cogitado para o Ministério da Economia, e o boato se espalhou. Mas amigos próximos garantem que era verdade, e que Dantas apenas recusou o convite por se achar muito jovem.



Os sapatos no chão, símbolo da tensão permanente na mesa do operador